

Manoel Fernandes do Nascimento, este nosso ilustre desconhecido!

– por **Jose Antonio Correa Lages**

Um dos períodos em que mais me dediquei à pesquisa sobre a história de Ribeirão Preto foi entre 2010 e 2011, quando me interessei por um dos ilustres desconhecidos das origens da cidade, o mineiro de Itajubá, Manoel Fernandes do Nascimento. Para isso contei com a participação sempre disponível do Mauro Porto, o nosso orientador-mór dos pesquisadores do Arquivo Histórico. Foi, na verdade, uma pesquisa a quatro mãos que se submergiram em documentos do século XIX trazendo ao nosso conhecimento uma interessante saga de um personagem que sonhou construir uma cidade muito antes de sua existência.

Manoel Fernandes do Nascimento não teve ainda reconhecida a sua importância na história de Ribeirão Preto. Nunca é citado entre aqueles considerados “fundadores”. Sobre ele, sabíamos até pouco tempo, que havia sido assassinado por tentar abrir uma rua no fundo do quintal de um dos mandões da época. E era praticamente só isso. Osmani Emboaba da Costa, o grande historiador que definiu a data de fundação da cidade, quando se comemorava o seu centenário em 1956, já havia dado à luz vários documentos com a sua assinatura, mas acredito que não avançou na interpretação de sua importância para aqueles tempos.

Além dos seis posseiros de terras com suas respectivas mulheres, que fizeram as famosas doações de terrenos para a Igreja poder construir a capela que deu origem à cidade, outra figura de grande destaque em todo este processo de “fundação” da comunidade foi Manoel Fernandes do Nascimento. Salta aos olhos nos documentos da época que Manoel Fernandes era o grande organizador da comunidade na luta pela construção da capela e de uma povoação, primeiramente na fazenda das Palmeiras (o nosso bairro atual com o mesmo nome), depois na fazenda Barra do Retiro (que inclui a região central de Ribeirão Preto). Encontramos sua assinatura como testemunha nos documentos de doações de terra na fazenda das Palmeiras nas tentativas fracassadas de constituição ali de um patrimônio eclesiástico desde 1853.

Manoel Fernandes do Nascimento foi nomeado *fabriqueiro* da capela de São Sebastião do Ribeirão Preto, nomeado pelo bispo de São Paulo em 1859, dia em que este bispo estava em visita á capela do Ribeirão. Este termo *fábrica* era o termo utilizado para designar os rendimentos da propriedade da Igreja, inclusive do seu patrimônio de terras com a cobrança do foro daqueles que quisessem se fixar em seus domínios. O *fabriqueiro* seria, portanto, o administrador e zelador da *fábrica*, por provisão eclesiástica. Está justamente aí a origem do laudêmio que até hoje se paga à Igreja nas transações de compra e venda de imóveis na região central da cidade.

O nosso Manoel pode ser considerado o primeiro urbanista de Ribeirão Preto. Cumprindo suas tarefas como fabriqueiro, foi ele quem abriu as primeiras ruas e travessas do arraial e demarcou seu largo central. Mineiro como a maioria dos primeiros habitantes, pagou com a vida pelo sonho e atrevimento de querer construir uma urbe. Foi com certeza a maior vítima de todo um conjunto de tensões e conflitos que emergiu naqueles tempos tão difíceis, mas tão esperançosos. De esperanças levadas à frente por toda a sua numerosa descendência que se espalha atualmente por Ribeirão Preto, São Simão, Serrana e Serra Azul.

Vamos agora conhecer melhor a vida de Manoel Fernandes do Nascimento. Ele era filho de outro Manoel, natural da Ilha da Madeira, e de Albina, natural de Nossa Senhora da Soledade de Itajubá (Delfim Moreira), onde se casaram em 25/02/1797. Manoel aparece no recenseamento feito em Minas Gerais em 1832, no distrito da Matriz Nova do Itajubá (atual Itajubá), então com 15 anos de idade, com sua mãe já viúva, mas comandando uma propriedade com vinte escravos. Na sua família aparece um agregado, muito provavelmente um parente de seu pai, chamado Ignacio, com 18 anos. Pode ser um primo ou um tio. Mas ficamos tentados em admitir que este Ignacio tem grande chance de ser Ignacio Bruno da Costa, considerado um dos fundadores de Ribeirão Preto, também originário de Itajubá, que chegou à região do nordeste paulista na mesma época de Manoel Fernandes. Podem ter vindo juntos.

Manoel se casou, pela primeira vez, com Marcolina Placidina da Costa em 29/08/1834 no Itajubá Velho, e pela segunda vez, com a irmã dela, Paulina Placidina da Costa. Outra possibilidade é que essas irmãs tenham alguma relação de parentesco com Ignacio Bruno da Costa, já que tinham o mesmo sobrenome, mas é apenas uma hipótese.

Os quatro primeiros filhos de Manoel Fernandes do Nascimento, após o falecimento da mãe Marcolina, tiveram sua herança em terras da fazenda do Morro Grande, em Itajubá, removida para terras na fazenda do Retiro, em Ribeirão Preto, em 05/05/1845, antes da mudança da família para esta região. Esta remoção foi feita por Manoel com terras que comprou de Matheus dos Reis de Araújo, avaliadas em 1.975\$000, herdadas do seu pai e sogro, Vicente José dos Reis. É de 26/10/1844 o título de propriedade que Matheus dos Reis passou a Manoel Fernandes. Assim, podemos concluir que Manoel Fernandes do Nascimento desde 1844 planejava a sua vinda para Ribeirão Preto.

Ele chegou mesmo a Ribeirão Preto entre 1846 e 1848, já que seu segundo filho do segundo casamento, Moisés, ainda nasceu em Itajubá, em 1846. Mas sua presença já pode ser comprovada em Ribeirão Preto em 1848, quando aparece batizando sua filha Francisca na matriz de São Simão no dia de Natal daquele ano. Francisca havia nascido em 09/07/1848, mas o documento de batismo não fala em que lugar.

Em 07/12/1866, Manoel Fernandes do Nascimento foi gravemente ferido por Manoel Félix de Campos. Acabou morrendo em 10/02/1867. A polícia de Casa Branca tomou depoimentos e, perante o júri popular, o réu confessou que praticara o crime a mando da mulher do rico comerciante Manoel Soares de Castilho, em troca de 10\$000 e uma garrafa cheia de cachaça! O motivo alegado para o crime foi o fato de Fernandes, como fabriqueiro da Igreja, pretender abrir uma rua bem na propriedade de Manoel de Castilho. Houve uma discussão entre a sua mulher e o fabriqueiro. E ela desejava se vingar e contratou alguém que lhe desse um tiro e lhe quebrasse um braço. Este não foi o primeiro crime que aconteceu em Ribeirão Preto, mas foi o de maior repercussão naqueles tempos. Afinal, o fabriqueiro era de certa forma, uma autoridade no lugar, representava a Igreja e o Estado na comunidade nascente. O réu foi condenado à prisão perpétua e os mandantes chegaram a ser presos, mas nem sequer foram a julgamento, sendo logo libertados, apesar das acusações irrefutáveis contra eles.

Manoel Soares de Castilho, o mandante do assassinato do fabriqueiro, era um homem violento e vingativo. É o que se pode perceber por outros crimes em que ele se envolveu. As desavenças que explicam o assassinato de Fernandes continuaram mesmo após a sua morte. Em 1870, Manoel Soares de Castilho entrou em juízo contra Moisés,

filho de Fernandes, por se sentir ameaçado de morte. Como prova da acusação apresentava um bilhete ameaçador de um ano antes. Exigia na Justiça que Moisés assinasse um “*termo de segurança de vida*”, conforme previsto na lei. Talvez fosse um ato preventivo que inibisse qualquer tentativa de vingança. Mas o motivo real das discussões parecia ser a frequente invasão das plantações de Moisés pelo gado de Castilho. Em um dos seus depoimentos, Moisés afirma que “uma cruz daria lembrança nesse lugar que ali (seu pai) tinha caído vítima das iniquidades de Manoel de Castilho, assassino de Manoel Fernandes do Nascimento”. O juiz mandou arquivar o processo, desqualificando a denúncia do autor.

Em outro processo judicial, Castilho foi acusado de mandante da tentativa de assassinato contra um enteado seu, Cândido, por problemas de herança de terras. Em outro processo ainda, o encontramos como acusado de mandante da tentativa de assassinato do professor de música, Figueiredo Brasil. Mas ele ainda foi eleito suplente de vereador para a Câmara de Ribeirão Preto, para a legislatura 1877-1880.

Manoel, ainda muito jovem, assistira ao nascimento da cidade de Itajubá fundada de uma forma incomum pelo vigário Lourenço da Costa Moreira. Em 1818, Lourenço recebeu provisão para ser o vigário da freguesia de Nossa Senhora da Soledade de Itajubá (Delfim Moreira). Era um lugar desolado e decadente da época da mineração. O novo vigário não teve dúvida: convenceu grande parte dos seus paroquianos de descer a serra em procissão e no vale do Rio Sapucaí, em lugar mais aprazível, fundar uma nova povoação. Assim foi feito e assim surgiu a nova Itajubá. A família de Manoel Fernandes acompanhou o vigário nesta empreitada.

Em 1831, o Pe. Lourenço, incompatibilizado com os antigos habitantes do Itajubá Velho, tentou transferir de lá documentos e alfaias para a nova matriz. O conflito se generalizou e chegou a ocorrer um enfrentamento armado entre os dois grupos no lugar que ainda hoje conserva o nome de *Encontro*. A tudo isso pôde assistir muito de perto o jovem Manoel, pois sua família, além de muito religiosa, era muito ligada ao vigário, inclusive através de relações de parentesco e compadrio. Ele pôde aprender ainda muito cedo como se funda uma cidade e mais tarde quis aplicar a lição no lugar para onde mudou com sua família no interior paulista.